

Título: É tudo de graça: roda de samba só de mulheres, música clássica, feira indígena e muito mais

Veículo: O Globo

Centragem: 28.54

Página: Online

Data: 12/04/2019

Valor: R\$ 49.978,85

Page Views: 7.884.460

Unique Visitors: 2.425.988

Colunista: O Globo

[É tudo de graça: roda de samba só de mulheres, música clássica, feira indígena e muito mais](#)
O Globo - Rio Show - 12/04/2019

Confira lista de atrações 0800 no fim de semana e não gaste nada para se divertir

Mart'nália, Nilze Carvalho e Teresa Cristina participam de uma homenagem a Dona Ivone Lara e Elza Soares numa grande roda de samba, só de mulheres, na Praça Quinze. No **Parque Lage**, tem de aula aberta com modelo nu performando ao som de Mozart a feira de artigos indígenas. O Festival É Tudo Verdade entra na reta final com dezenas de filmes premiados em festivais. Quer se divertir sem gastar? Confira lista de programas 0800 no fim de semana.

Siga nossa página no Instagram: @rioshowglobo

Eventos Aula Aberta de Modelo Vivo

Professor da **Escola de Artes Visuais do Parque Lage**, Gianguido Bonfanti promove aula aberta de modelo vivo, com participação do Quarteto Atlas (com músicos da Orquestra do Teatro Municipal) e de cinco integrantes da Orquestra de Rua, formada por jovens de periferias do Rio, com programa que vai de Mozart a Villa-Lobos, passando por Shostakovich, Vivaldi e Ernani Aguiar.

Parque Lage: Rua Jardim Botânico 414 — 3257-1800. Sex, às 19h. Livre.

Dia da Mulher Sambista

Incluída no calendário cultural carioca em janeiro, a data celebra o nascimento de Dona Ivone Lara (13 de abril). A festa, na Cinelândia, terá shows de Primavera das Mulheres + Flor do samba (14h), Negras Raízes (16h), SSEQ + É Preta (18h) e Moça Prosa + Trio Sambadona (20h), além de homenagem a Elza Soares e Dona Ivone Lara (22h) com a participação de sambistas como Mart'nália, Nilze Carvalho e Teresa Cristina. Haverá ainda 40 barracas de comidas e bebidas.

Cinelândia: Centro. Sáb, das 13h às 23h. Livre.

Dia Internacional dos Povos Indígenas

A **Escola de Artes Visuais do Parque Lage** promove um festival de cultura indígena com exposição, venda de artesanato, pintura corporal, cantos, danças rituais e contação de histórias, além de debates com mais de cem índios de diferentes etnias e show da cantora We' e'ena Tikuna.

Parque Lage: Rua Jardim Botânico 414, Jardim Botânico. Sáb e dom, das 9h às 17h. Livre.

O Mercado

A feira de moda, gastronomia e arte reúne mais de 50 pequenos produtores, designers, artistas e estilistas independentes, além de flash tattoo, flash tesoura, shiatsu (R\$ 35) e o DJ Gustavo.

IAB: Beco do Pinheiro 10, Flamengo. Sáb e dom, das 13h às 20h. Livre.

Feira das Yabás

O evento reúne 16 barracas de comida, além da roda de samba de Marquinhos de Oswaldo Cruz recebendo o trombonista Marlon Sette e a Velha Guarda Show da Portela. A abertura é com Bia Aparecida.

Praça Paulo Portela: Oswaldo Cruz — 97042-3110 (informações). Dom, das 13h às 22h. Livre.

Samba em Prosa

Tia Maria do Jongo é a convidada do evento, que reúne história e samba conduzido pela roda de Rogerio Família.

Baticum Butiquim: Rua Uruguai 35, Andaraí. Dom, às 16h. Livre.

Villa Stella Artois

A segunda edição do evento reúne cerveja, gastronomia e atrações musicais, além de bate-papos com chefs. Sáb: às 20h, festa de encerramento com a Croma DJs. Dom: às 15h, Tocata do Rio. Às 20h, Illy.

Villa Food Market: Rua São Clemente 446, Botafogo. Sáb, do meio-dia à 1h. Dom, do meio-dia às 22h. Livre.

Teatro 'Uma janela para dentro'

Texto: Víctor Ribeiro de Lima. Adaptação: Leandro Nicolau, Víctor Grimoni e Waldecir de Oliveira. Direção: Víctor Grimoni. Com Cida Moraes, Leandro Nicolau, Kaioh Camargo e Waldecir de Oliveira.

A peça apresenta situações que um artista plástico, um fotógrafo e um atleta enfrentam por suas orientações sexuais.

Casa de Cultura Laura Alvim (Teatro): Av. Vieira Souto 176, Ipanema — 2332-2015. Sex e sáb, às 20h. Dom, às 19h. R\$ 40. 60 minutos. Não recomendado para menores de 16 anos. Até 5 de maio.

Cinema Festival É tudo verdade

Em sua 24ª edição, o festival internacional de documentários vai de 9 a 14 de abril, reunindo, no Estação NET Botafogo e no IMS, 66 filmes premiados em competições de longas e curtas, além de prestar homenagem a Nelson Pereira dos Santos e Claude Lanzmann.

VEJA PROGRAMAÇÃO

Infantil Abril Literário

O evento, que comemora o mês da leitura, recebe a contadora de histórias Jaqueline Roversi, que apresenta três contos de origem brasileira: "A festa dos santos", "Lenda do boto" e "O boi do Maranhão".

Sesc Copacabana: Rua Domingos Ferreira 160, Copacabana — 2548-1088. Sáb, às 10h e 16h. Livre.

Burburinho

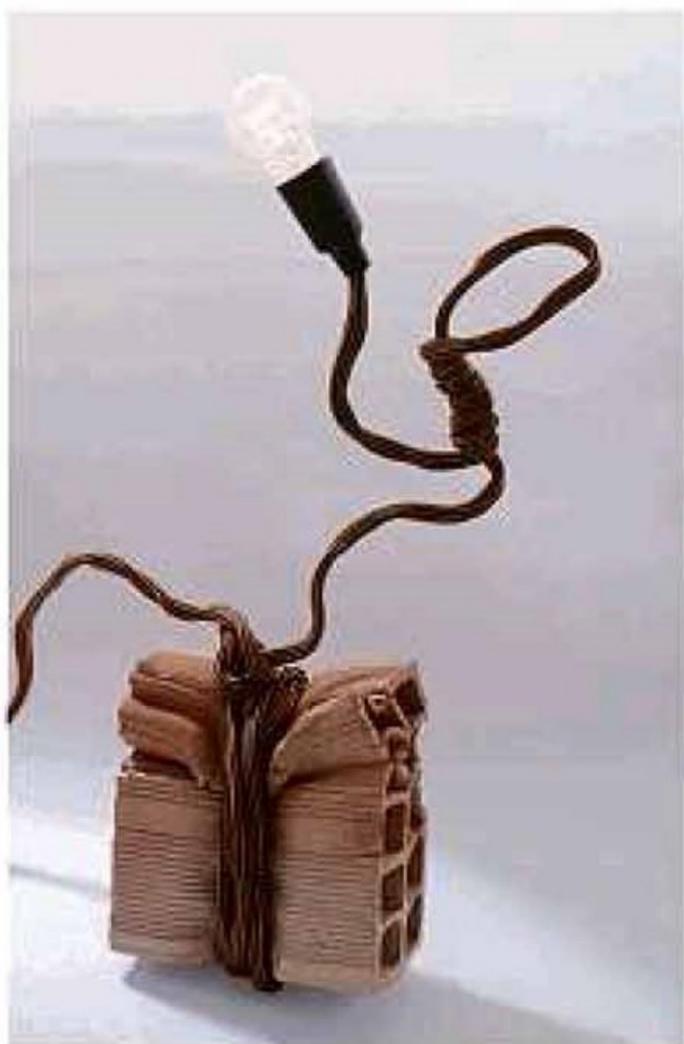
A 22ª edição do evento reúne opções de moda, decoração e gastronomia no segmento infantil. Diversas atividades acontecem ao longo do dia, entre elas oficina de scrapbook, slime, bichinhos de feltro e pintura facial.

Jockey Club Brasileiro: Praça Santos Dumont 31, Gávea. Sáb e dom, das 10h às 20h. Livre.

Just Dance

Inspirado no videogame de dança, foi montado um palco de 32m² para crianças e pais dançarem imitando os movimentos dos personagens exibidos em um telão.

ARTE



Em sentido horário:
o provador de sisal
da loja; o curador
Guto Carvalhonetto;
o colar de Virgílio
Bahde; e a luminária
de Eurico Humano.
Na página ao lado:
um croqui da
coleção de Guto
para a Pa.Ge; o anel
de Virgílio Bahde;
e a escultura de
Eurico Humano

CASULO PARA O PARQUE

PRIMEIRA LOJA CONCEITO DO PARQUE LAGE, A PA.GE ABRE TERÇA-FEIRA COM CURADORIA DE MODA, DESIGN E ARTE FEITA PELO ESTILISTA GUTO CARVALHONETO

Por LÍVIA BREVES

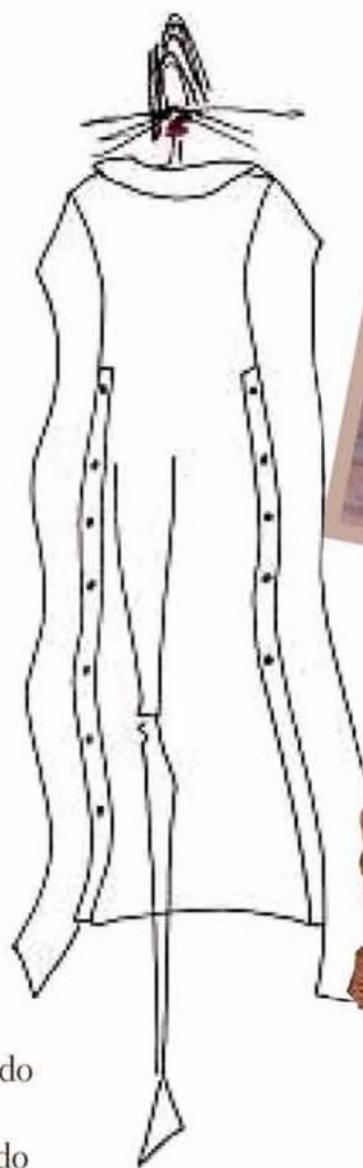
Um enorme casulo todo coberto por fios de fibra de sisal pendurado em uma estrutura de aço ocupa uma das salas do primeiro salão do palacete do Parque Lage e confunde os turistas, que pensam que a peça faz parte de alguma exposição.

A instalação é, na verdade, o provador da primeira loja conceito da Escola de Artes Visuais, que vai juntar moda, design e arte em uma seleção com curadoria do estilista e professor de lá Guto Carvalhoneto. Na Pa.Ge (uma abreviação de Parque Lage), vai ter um pouco de tudo: esculturas de Rodrigo Calixto; joias de Virgílio Bahde; luminárias de Eurico Humano; peças de décor feitas com sementes de Mônica Carvalho; acessórios indígenas da Tucum; acessórios de Bruna Pegurier; móveis de Brunno Jahara e Ana Voss; além de roupas exclusivas do próprio Guto, que serão lançadas em junho.

— Fiz uma curadoria bem delicada, que mostra um recorte de coisas que o Brasil tem de muito bom e que precisam ser conhecidas. A minha coleção vai ser toda de tecidos naturais, pensada no conforto e nas cores que mais gosto: branco, preto, cinza e bege — conta o baiano Guto, que deu o curso “Anti-moda” na escola.

Livros de arte e itens de papelaria também estão no rol de produtos. É uma seleção focada tanto no turista que passeia pela cidade, quanto no aluno que convive no espaço.

— Estamos dentro de uma escola de arte e isso precisa ser respeitado. Por isso, haverá blocos com gramaturas e dimensões especiais, lápis de desenho e outros itens que os alunos podem precisar no seu dia a dia — adianta Guto.



O diretor da EAV, Fabio Szwarcwald, conta que há muito desejava ter uma loja de museu para chamar de sua. Depois que percebeu as boas vendas da lojinha improvisada para a exposição “Queermuseu — Cartografias da diferença na arte brasileira”, teve certeza de que precisava focar em uma para a escola.

— Escolhi o Guto para a curadoria por conta do seu gosto sofisticado, tanto para a moda, quanto para a arte. Ele tem um olhar do sertão (Guto nasceu no interior da Bahia), que combina muito com o que busco mostrar na escola. Não queria apenas produtos. Na seleção, há criações de pessoas que sabem a importância da simbiose entre a arte e a moda. Com as vendas, pretendemos gerar valores capazes de ajudar a financiar nossos programas públicos e também agregar valor sensorial, cultural e estético à EAV. Pretendo multiplicar a loja em outros lugares, divulgando o nome da escola nacional e internacionalmente — comenta Fabio. *e*

“NA SELEÇÃO, HÁ CRIAÇÕES DE PESSOAS QUE SABEM A IMPORTÂNCIA DA SIMBIOSE ENTRE A ARTE E A MODA”

FABIO SZWARC WALD, DIRETOR DA EAV

REVISTA ELA 31

 pressreader

PRINTED AND DISTRIBUTED BY PRESSREADER
PressReader.com +1 604 278 4604
COPYRIGHT AND PROTECTED BY APPLICABLE LAW

PIRES NA MÃO A CULTURA DA VAQUINHA

INSTITUIÇÕES e eventos, como Museu Casa do Pontal, Anima Mundi e outros, recorrem a crowdfunding para tentar compensar a diminuição de verbas de governo e empresas



“Ordenha”. A obra de Mestre Vitalino é uma das muitas do artista no Museu Casa do Pontal; instituição bateu, na última semana, a meta inicial de R\$ 80 mil para reabrir as portas após inundação

DIVULGAÇÃO/MUSEU CASA DO PONTAL

NELSON GOBBI
nelson.gobbi@oglobo.com.br

Na última semana, o Museu Casa do Pontal comemorou sua primeira boa notícia em muito tempo. A instituição sediada no Recreio, Zona Oeste do Rio, dona do mais importante acervo de arte popular do Brasil, conseguiu bater a meta inicial de R\$ 80 mil do financiamento coletivo que criou. Até ontem, a oito dias do prazo para seu encerramento, arrecadou mais de R\$ 83 mil e passou a ter nova meta, de R\$ 320 mil.

O objetivo do museu é reparar os danos provocados pela forte chuva que castigou a cidade no início de abril. A água inundou sua sede, alcançando 60 centímetros e obrigando a instituição a fe-

char as portas. Foi justamente para reparar os danos e voltar a funcionar em julho que o espaço, fundado em 1976 pelo artista e designer francês Jacques Van de Beuque (1922-2000), lançou mão do financiamento on-line.

VITÓRIA COLETIVA

O museu privado, que tem na direção membros da família Van de Beuque, é apenas uma entre as muitas instituições e eventos já estruturados a adotar as campanhas de financiamento coletivo como nova possibilidade de fomento. Uma realidade bem diferente de 2011, quando o crowdfunding chegou ao Brasil, sendo mais utilizado para viabilizar apresentações artísticas, projetos pontuais e ações sociais lançadas por pessoas físicas. A crise econômica dos últimos anos e a redução do papel do Estado no setor cultural levaram as “vaquinhas virtuais” a serem as maiores do Museu Casa

No caso do Museu Casa

do Pontal, uma segunda campanha, mais ambiciosa, visa a conclusão da sua nova sede, na Barra, cujas obras estão interrompidas há dois anos e necessitariam de R\$ 2,9 milhões.

— O melhor deste modelo é possibilitar uma vitória coletiva, em meio a um cenário de frequentes dificuldades — comenta Lucas Van de Beuque, diretor executivo do museu e neto de Jacques. — Decidimos pelo mínimo para os reparos nos espaços e a segurança das obras, num primeiro momento. É importante manter o museu aberto. Se tivéssemos fechado na primeira inundação, em 2011, seríamos mais uma entre as várias instituições que encerraram suas atividades, das quais ninguém mais ouve falar. A ligação com o público é que nos mantém ativos.

Outro exemplo é a tradicional mostra Anima Mundi, que tenta obter R\$ 400 mil para a sua edição de 2019,

ameaçada após a perda do patrocínio da Petrobras. Responsável por revelar alguns dos maiores nomes da animação nacional, como Carlos Saldanha (“A Era do Gelo” e “Rio”) e Alê Abreu (“O menino e o mundo”), o festival optou pelo financiamento coletivo para evitar a interrupção em seu 27º ano. Até agora, foram arrecadados mais de R\$ 197 mil dos R\$ 400 mil da meta inicial, necessários só para a mostra de filmes, no Rio e em São Paulo. A campanha prevê ainda uma meta média de R\$ 600 mil (para a realização do Papo Animado) e outra, de R\$ 800 mil (para o Anima Fórum em São Paulo). Restam 11 dias para atingir a meta mínima, ou todo o dinheiro arrecadado volta aos doadores.

— Desde o fim de 2018, sabíamos que poderia ocorrer uma mudança na política de patrocínios da Petrobras, mas só tivemos a confirmação em

abril. Não houve tempo para outra estratégia — ressalta Aída Queiroz, diretora do Anima Mundi, que no ano passado recebeu cerca de R\$ 700 mil da estatal. — Além do envolvimento da sociedade, a campanha gera ações como reuniões espontâneas de animadores para vendas de originais. Isso não tem preço.

DISPUTA POR RECURSOS

Para as próximas edições, o Anima Mundi voltará a buscar o apoio de empresas, seja com renúncia fiscal ou acordos de patrocínio. Segundo Aída, a experiência do crowdfunding poderia ser repetida em escala menor e em ações pontuais, como uma palestra internacional. Mas, em sua visão, as vaquinhas virtuais não podem substituir políticas culturais de Estado. Mesma opinião de Daniel Fuentes, presidente do Instituto Hilda Hilst e herdeiro das obras da autora, que mantém por mais 28 dias uma campa-

nha de financiamento de R\$ 80 mil na plataforma Kickante. A iniciativa, que arrecadou até agora R\$ 12,7 mil, é para manter por um ano a Casa do Sol, construída pela autora na década de 1960 em Campinas (SP), hoje um centro cultural.

— É nossa segunda experiência. Em 2013, fizemos um de R\$ 25 mil. É uma tentativa de buscar novas possibilidades, mas acho preocupante ver instituições como a nossa, o Museu do Pontal ou um festival como o Anima Mundi disputando estes recursos — pondera Fuentes. — É mais um sintoma do estrangulamento das políticas culturais. Todo o setor deve fazer um mea culpa, não encontramos caminhos melhores do que a renúncia fiscal. Mas não há no mundo uma produção artística que independa do Estado. Hollywood só existe pelo apoio do governo americano.

+ VAQUINHA NA PÁG. 3

ENTREVISTA

Matt Salinger/ ATOR

Ex-Capitão América, filho de J. D. Salinger diz que há muitas mentiras circulando sobre os inéditos do autor de ‘O apanhador no campo de centeio’

RUAN DE SOUSA GABRIEL De São Paulo rsgabriel@edglobo.com.br

‘TUDO O QUE ELE DEIXOU ESCRITO SERÁ PUBLICADO’

Para onde vão os patos quando tudo congela no inverno? Holden Caulfield, o narrador adolescente e angustiado de “O apanhador no campo de centeio”, de J.D. Salinger (1919-2010), repete a pergunta enquanto perambula por Nova York. Matt, filho de Salinger, descobriu que seus colegas de escola, principalmente os que leram o livro (de 1951), também tinham essa dúvida. A partir da semana que vem, os brasileiros poderão reler a pergunta em uma nova tradução, de Caetano W. Galindo, da editora Todavia (a primeira versão para o português é dos anos 1960, dos diplomatas Álvaro Alencar, Antônio Rocha e Jório Dauster), que tenta renovar o coloquialismo de Holden. Saem os inesquecíveis “coisa que o valha”, “no duro” e “um bocado” e surgem “coisa e tal”, “sem brincadeira” e “pacas”.

Salinger parou de publicar em 1965, mas nunca abandonou a escrita. Recentemente, Matt anunciou que seu pai deixou toneladas de material inédito. O ator — ele foi o Capitão América em um filme de 1990 — conversou com o GLOBO sobre os inéditos e a relação do pai com os leitores.

Quando você leu “O apanhador no campo de centeio” pela primeira vez?

Eu tinha 11 anos e estava indo para um colégio interno. Antes de ir, minha irmã bateu no meu ombro e disse: “É melhor você ler o livro do papai, porque todo mundo vai perguntar”. Deus do céu, como eu ri! Reconheci a voz e o senso de humor do meu pai.

As pessoas realmente perguntavam sobre o livro?

Sim. Elas queriam saber

se J.D. Salinger era meu pai, se eu tinha lido e o que tinha achado, e para o onde os patos iam no inverno.

E hoje, o que perguntam?

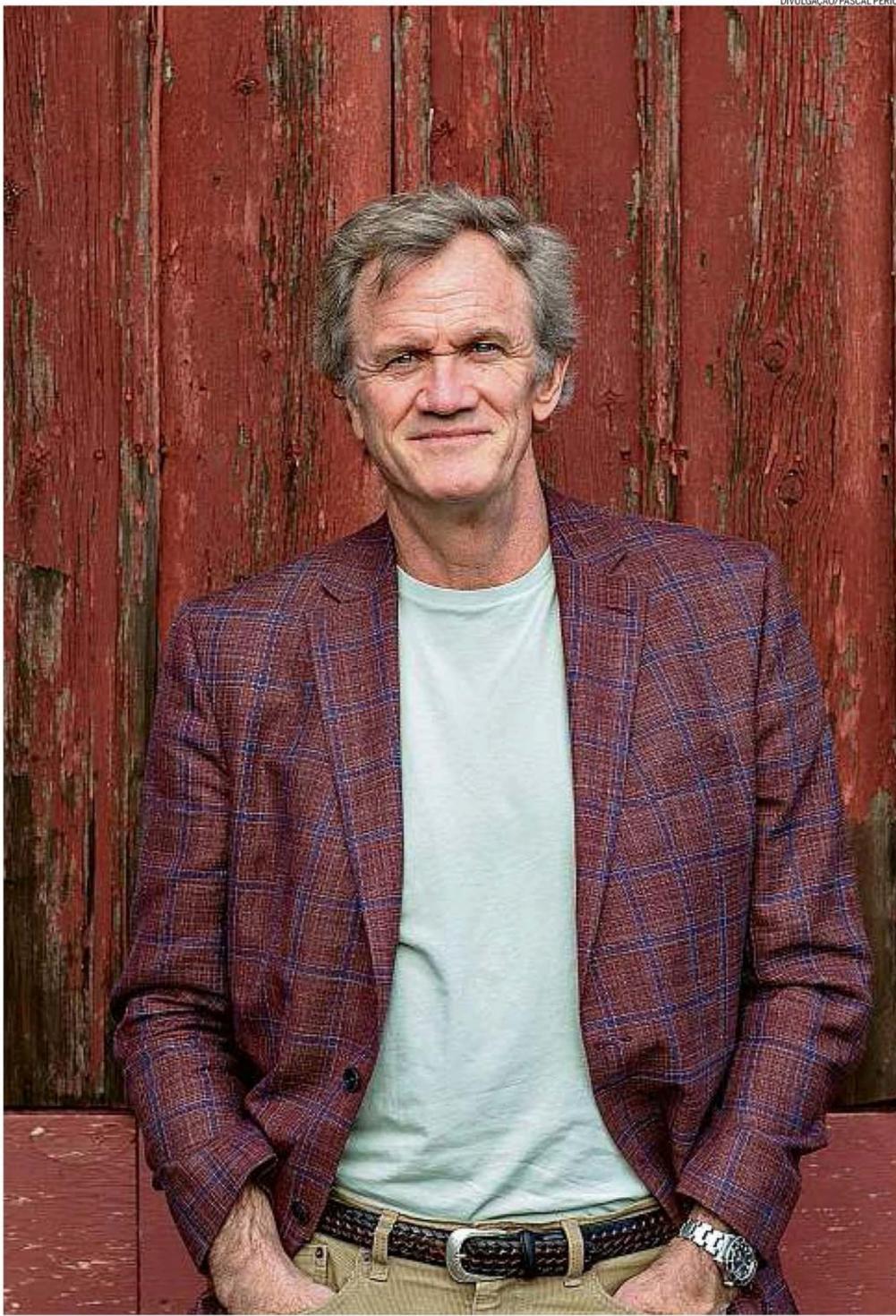
Costumam me perguntar se meu pai era solitário. Como ele ficou tantos anos sem publicar e falar com a imprensa, criou-se o mito de que era um ermitão. Ele não era nenhum misantropo. Tinha muitos amigos, de professores universitários a agricultores das redondezas. Uma vez, perguntei se ele se sentia sozinho, porque às vezes eu telefonava e ele dizia que não falava com ninguém há dias. Ele me respondeu que vivia rodeado de amigos, ainda que a maioria deles estivesse morta ou existisse apenas nos livros.

O que os leitores podem esperar dos inéditos do seu pai?

Ele nunca parou de escrever. Mas muito do que disse que ele teria escrito é mentira. Um biógrafo disse que ele escreveu um livro sobre um breve casamento que teria tido com uma nazista. É mentira. Não sei se ele foi realmente casado com ela, mas tenho certeza de que ele não escreveria um livro sobre um casamento que gostaria de esquecer (risos). Praticamente tudo o que ele deixou será publicado. Mas eu não dou detalhes sobre o conteúdo.

Por quê?

Meu pai mantinha uma relação direta com os leitores, sem intermediários. Por isso, ele não permitia fotos ou textos na orelha ou na quarta capa dos livros, ou adaptações cinematográficas. Ele não queria que nada



“Um biógrafo disse que ele escreveu um livro sobre um breve casamento que teria tido com uma nazista. É mentira. Não sei se ele foi realmente casado com ela, mas tenho certeza de que não escreveria sobre um casamento que gostaria de esquecer”

Capitão América. Matt Salinger não dá opinião sobre os inéditos do pai: “Não tenho o direito de me meter”

se colocasse entre ele e os leitores. Se eu falasse quais são as minhas impressões, eu não gostava. Ele queria que os leitores chegassem aos livros sem ideias preconcebidas. Não tenho o direito de me meter.

Holden dizia que um livro era bom mesmo quando ele queria bater um papo com o autor ao telefone. Os leitores ligavam ou escreviam para o seu pai?

Sim. Enviavam milhares de cartas, e muitos se referiam a essa cena. Ele até se arrependeu de tê-la escrito (risos). Ele respondia algumas,

principalmente de quem escrevia sobre perturbações existenciais. Ele tentava ajudá-los, como o sr. Antolini tentava ajudar o Holden. Estive recentemente na Feira do Livro de Turim, na Itália, e apareceu uma mulher que se correspondeu com meu pai por décadas. Ela contou que escreveu para ele quando estava na pós-graduação e a vida dela era uma bagunça. Ele tentou ajudá-la e até lhe enviou um livro.

E você, para quais autores gostaria de telefonar?

Para David Foster Wallace (1962-2008), mas não é mais

possível. Eu gosto do Don DeLillo, mas não sei se quero ligar para ele. Telefonaria para autores que mantêm um sorriso no rosto mesmo quando escrevem sobre coisas difíceis. Meu pai era assim.

Como era a rotina de escrita do seu pai?

Ele nunca usou um computador e não confiava na internet. Tinha duas máquinas de escrever. Acordava antes das quatro da manhã e escrevia por cinco horas seguidas. Depois, tomava café ou voltava para a cama e lia. Ele também escrevia à mão, em blocos espalhados pela casa.

Sempre levava dois nos bolsos do casaco e tinha outro no carro. Quando estava dirigindo e tinha uma ideia, ele encostava e anotava.

Ele deixou instruções para a publicação dos inéditos?

Sim. Conversamos muito sobre isso.

É verdade que a família Glass, de “Franny and Zooey”, aparece nos inéditos? E Holden?

Sim, alguns membros da família Glass estão aqui e ali.

Mas não Holden?

Eu não disse isso.

Iniciativas públicas também buscam apoio a projetos

Museu Nacional e EAV do Parque Lage fizeram campanhas bem-sucedidas; MIS não atingiu meta, mas quer repetir experiência

NELSON GOBBI
nelson.gobbi@oglobo.com.br

Não só iniciativas privadas lançam mão do crowdfunding para viabilizar suas ações. No início do ano, o Museu da Imagem e do Som (MIS) do Rio tentou arrecadar R\$ 40 mil para a sua programação para 2019, mas como só chegou a R\$ 9,4 mil, todas as colaborações foram estornadas. A iniciativa foi inspirada em outras campanhas bem-sucedidas de instituições públicas, como as realizadas pelo Museu Nacional (antes do incêndio que atingiu sua sede em setembro do ano passado) e a para a montagem da exposição “Queer-museu” na Escola de Artes Visuais (EAV) do Parque Lage, também em 2018, que se tornou o maior crowdfunding de



Museu da Imagem e do Som, na Praça XV. Campanha gerou parcerias

cultura do Brasil ao arrecadar mais de R\$ 1 milhão.

— Mesmo não tendo atingido a meta, foi uma experiência muito boa para o MIS. Conseguimos algumas parcerias importantes, com as quais

pudemos financiar parte da programação. E ativamos um público que, muitas vezes, acha que a instituição está fechada por conta das obras paradas na sede de Copacabana — comenta Clara Paulino,

presidente do MIS. — Queremos repetir a experiência da campanha no ano que vem. É importante tentarmos essa mudança de cultura no Brasil, onde a população não tem o hábito de contribuir com instituições públicas.

Mesmo sendo um processo desburocratizado e aberto a qualquer iniciativa, o crowdfunding também demanda uma série de procedimentos. Antes de mais nada, é necessário identificar as necessidades e a natureza de cada projeto para definir a forma de arrecadação. Elas podem seguir o modelo “tudo ou nada”, no qual só quem atinge a meta inicial fica com o montante, ou flexível, que permite a transferência de qualquer recurso arrecadado. Ou se é por captação, para um único projeto, ou recorrente, que funci-

ona como uma “assinatura” mensal — atualmente, a Casa do Jongo, em Madureira, mantém uma campanha online com meta de R\$ 7,1 mil mensais. Cuidados assim podem ser fundamentais para o sucesso das campanhas.

— Está acontecendo uma mudança de mentalidade. Se antes o crowdfunding era visto só como uma vaquinha, hoje os proponentes o veem como uma ferramenta poderosa de conexão com o público. O aumento da adoção do financiamento coletivo por instituições pode ter sido acelerado pelo contexto do país, mas já era uma tendência — diz Murilo Farah, um dos fundadores da Benfeitoria, plataforma responsável pela campanha do “Queer-museu” na EAV. — Um dos pontos mais importantes pa-

ra o sucesso de uma campanha é ter uma narrativa consistente. Antes de explicar o que é o projeto é preciso contar o porquê de fazê-lo.

Mais que uma alternativa em tempos de crise, o financiamento coletivo também pode ser uma forma de resgatar patrimônios culturais das cidades. É o caso da campanha para a reabertura do Cine Bijou, em andamento por mais 47 dias no Kickante, com valor de R\$ 300 mil. Fechado há duas décadas, o tradicional cinema de rua da Praça Roosevelt, em São Paulo, foi “adotado” pela companhia teatral Os Satyros, que calcula um custo de R\$ 50 mil mensais para mantê-lo.

— Os custos são diferentes dos de um teatro, cinema tem outras demandas — aponta Rodolfo Vázquez, um dos fundadores dos Satyros. — Mas seria importante tê-lo funcionando. Ele foi essencial na formação da minha geração, por isso decidimos acionar essa rede a partir de um envolvimento afetivo com o espaço.

Título: Escola de Artes Visuais do Parque Lage ganha loja-conceito

Veículo: Fashion Network

Página: Online

Data: 17/04/2019

Page Views: 8.202

Centimetragem: 6.98

Valor: R\$ 675,40

Unique Visitors: 4.001

Colunista: Fernanda Baldiotti

[Escola de Artes Visuais do Parque Lage ganha loja-conceito](#)
Fashion Network - 17/04/2019

A **Escola de Artes Visuais do Parque Lage** acaba de ganhar sua primeira loja-conceito: a Pa.Ge (uma abreviação de **Parque Lage**). O espaço reúne moda, design e arte e tem curadoria do estilista e professor Guto Carvalhoneto.

A loja-conceito do **Parque Lage** tem um enorme casulo como instalação - Reprodução Instagram @jbefolhas

A curadoria foi pensada levando em conta tanto no turista que passeia pela cidade, quanto no aluno que convive no espaço. Na parte de moda, há joias de Virgílio Bahde, acessórios indígenas da Tucum, acessórios de Bruna Pegurier, além de roupas exclusivas do próprio Guto, que serão lançadas em junho.

A proposta é usar o lucro obtido com as vendas para financiar os programas públicos do **Parque Lage** e também agregar valor sensorial, cultural e estético à **Escola de Artes Visuais**.

O **Parque Lage** já teve uma lojinha temporária para a exposição "Queermuseu — Cartografias da diferença na arte brasileira". Essa experiência serviu de uma espécie de protótipo para o espaço definitivo que começou a funcionar nesta terça-feira.

Acessórios da Tucum na Pa.Gé - Reprodução Instagram @tucumbrasil



(Foto:)

SEG _ Joaquim Ferreira dos Santos _ TER _ Arnaldo Bloch _ QUA _ Ana Paula Lisboa (quinzenal) _ Maria Ribeiro (quinzenal) _ QUI _ Cora Rónai _ SEX _ Leo Aversa _ SÁB _ José Eduardo Agualusa _ Geovani Martins (quinzenal) _ DOM _ Artur Xexéo

ARNALDO BLOCH



arnaldobloch@gmail.com.br



O carnaval do arquiteto

Manhã de sexta, véspera de carnaval. A ideia é sair de Vitória no início da tarde e chegar à serra capixaba na luz do dia. É um total mistério a casa do arquiteto — ele que, por sua vez, quase nunca vem à casa que arquitetou. Mas, por culpa de uma farmácia que nunca chega, deixamos a capital do Espírito Santo com a tarde já ida e, em breve, caída.

No breu total chegamos à casa, que, com a ajuda das estrelas, se mostra aos olhos silhueta cheia de pontas, tortas, antiestelares. Lá dentro, é como o caos antes da criação. Interruptores fogem às mãos e cheiramos o profundo bolor dos travesseiros, das fronhas, das colchas. Os colchões, helicoidais, migraram da forma plana para o espaço-tempo.

Na mesa de madeira de uma das varandas, um cão regurgitou algo que se assemelha a uma sopa de beterraba. Adiante — diz o som de um borbulho —, tem um corregoquinho e, para lá da ponte de toras, outra construção, a “casa de vidro”, que o arquiteto mencionou.

No meio da ponte sobre o corregoquinho surge o cão sem aviso, e, imediatamente, recorro ao ditado que nunca ouvi: “Quem cão-sem-aviso, amigo do homem é”. O improviso me conforta e o cão, vendo-me calmo, abana e amiga-se para sempre.

Na casa de vidro nada há (além da casa e do vidro, é bom que se diga). De volta à morada principal, que é o nosso destino, subi-

mos ao mezanino onde jazem cadeiras de cinema amontoadas. No piso, tábuas empenadas rangem, como liras, escalas de juízo final.

Apesar de tudo, deixamos a esperança vencer o grilo (da eterna fábula “o grilo e a esperança”), na perspectiva de uma nova manhã. Ajeitamo-nos, fazemos a ceia, arranhamos o violão, abrimos as janelas. Não há mosquitos, e isso é bom. Nem mesmo um último, reles, moicano. Da janela, só o alento do vento, e o violão a acalantar o acalento. O bolor se esvai. E faz-se noite e faz-se dia no primeiro dia.

É de manhã quando me chamam para ver o tucano (a ave, e só) no arvoredo, e o sol que, logo cedo, ilumina as árvores de fruta que rodeiam a casa. Jambo, pera, acerola, limão, bananal e seus umbigos, jabuticabas e pitangas, uns pés de café, figueiras, manguei-

ras perdidas, mangas achadas.

O corregoquinho não só corre, como recebe suaves corredeiras, de uma pequena poça no gramado anárquico: é um olho d'água de verdade, nascentinha de raiz. No avarandado, a sopa de beterraba do cão está sequinha, parece até brinquedo americano.

Dentro da casa a luz mostra sua anatomia: paredes pintadas por artistas, molduras de bambu avulsas, cabaças, painéis milenares, lenha de forno onde já assa um pato, e uma biblioteca frondosa onde leio Torquato. Assimov e seus fatos. Sérgio Sampaio, seus blocos, seu balaio. E o alçapão de Gustavo Corção.

Nas redes de cordas de sisal bem abertas e com tranças indígenas meu corpo repousa em nuvens, e leio, que trouxe, o lindo “Outono azul a sul”, poesias de Calí Boreaz: em seus versos tudo é fenomenologia, como, de fato, tudo é. E a Casa do Arquiteto, fenômeno a girar no mundo, já será outra à tardinha e, quando voltar o breu, já seremos outros, em seu corpo. E fazem-se noites e fazem-se dias de naturais folhas. Amanhã, só cinzas.

Quando o jardim vira um ateliê a céu aberto

No Rio para residência artística, os suíços Gerda Steiner e Jörg Lenzlinger e a curadora japonesa Yuko Hasegawa investigam relações entre homem e natureza. Na próxima segunda, trio participa de debate na Escola de Artes Visuais do Parque Lage



FOTOS DE ANTONIO SCORZA

No Parque Lage. Gerda Steiner e Jörg Lenzlinger brincam com a bromélia que ganharam no Rio: suíços voltam à cidade após participarem de coletiva no Centro Cultural Banco do Brasil, em 2008

NELSON GOBBI
nelson.gobbi@oglobo.com.br

Na terça-feira da semana passada, a artista suíça Gerda Steiner circulava pelo Parque Lage com uma muda de bromélias nas mãos. A espécie, contudo, não veio dos jardins que cercam a Escola de Artes Visuais, onde ela e o marido, o também suíço Jörg Lenzlinger, participarão de uma palestra no dia 11, às 19h. A planta foi um presente da mãe do artista carioca Ernesto Neto, em cuja casa haviam estado antes de seguir para a EAV. O mimo é parte da residência artística que ambos realizam no Rio, ao lado de Yuko Hasegawa, curadora-chefe do Museu de Arte Contemporânea de Tóquio, promovida pelo Instituto In-clusartiz. Conhecidos por instalações criadas a partir de elementos vegetais, como “Falling garden”, montada na Igreja San Stae para a Bienal de Veneza de 2003, Gerda e Jörg visitam no Rio diferentes jardins, para pesquisar formas de cultivo e as relações entre pessoas e plantas.

— Havíamos pedido dicas para o Ernesto sobre jardins para visitar na cidade, e ele indicou o de sua mãe. Chegando lá, ela gentilmente nos deu este presente, o que foi muito interessante para a gente, por ser uma espécie de planta tropical que não temos na Suíça — comenta Gerda.

ENCONTROS COM ARTISTAS

De volta ao Rio, onde criaram uma instalação na rotunda do Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) em 2008, para a coletiva “Os trópicos — Visões a partir do centro do globo”, Gerda e Jörg não pretendem coletar uma grande quantidade de material durante a residência, mantendo o foco na troca a partir das experiências humanas.

— Quando montamos a instalação no CCBB, trabalhamos feito loucos e não tivemos tempo de sair e conhecer melhor a cidade. Desta vez temos esta excelente oportunidade de estar junto com outros artistas, conversar e visitar jardins. Fomos



Yuko Hasegawa. Curadora do Museu de Arte Contemporânea de Tóquio posa no interior da EAV: diversidade em foco

aos grandes, como o Jardim Botânico, e em menores, particulares — conta Jörg. — Queremos ver como as pessoas se dedicam às plantas, como as cultivam e estabelecem relações com elas.

Convidada para a residência no Rio, Yuko Hasegawa também tem em sua linha de pesquisa a biodiversidade, relacionada ao conceito de

Antropoceno, período que marca a influência do homem sobre a vida no planeta e o qual cientistas discutem se teria de ser considerado uma nova era geológica. A japonesa — que volta ao Brasil após participar como curadora convidada da 29ª Bienal de São Paulo, em 2010, comandada pelo alemão Jochen Volz — pensou de ime-

diato em desenvolver a pesquisa com Gerda e Jörg. Ela havia trabalhado com eles em 2004, quando os suíços montaram a exposição “Brainforest” no 21st Century Museum of Contemporary Art, em Kanazawa, em que Yuko foi diretora artística. Em uma segunda etapa da residência, ela se reúne com artistas e curadores, como o

próprio Ernesto Neto, Beatriz Milhazes, Vivian Caccuri e Evandro Salles, do Museu de Arte do Rio (MAR). A curadora também aproveita para entrevistar profissionais de outras áreas, como antropólogos, biólogos, filósofos e sociólogos.

— Quando recebi o convite da residência, falei logo com a Gerda e o Jörg, porque sei que têm uma agenda difícil. É uma experiência única, o Brasil tem uma importância enorme tanto por sua natureza como pela cultura, é como se fosse o centro deste equilíbrio natural — destaca Yuko. — Já conhecia o Ernesto e a Beatriz, recentemente a convidei para criar uma instalação ao ar livre na ilha de Inujima, no Japão. Também tive a oportunidade de conhecer novos artistas, como a Vivian Caccuri, que mesmo sendo jovem já demonstra um grande potencial.

LEITURA POLÍTICA

Ainda que não abordem diretamente aspectos sociais em sua obra, os suíços sabem que temas como biodiversidade e preservação hoje podem ser lidos como temas políticos, em um momento em que questões como o aquecimento global passam a ser questionados por autoridades, dentro e fora do Brasil.

— Estamos mais concentrados nas relações positivas entre o homem e o ambiente, nos bons exemplos — frisa Gerda. — Nossa proposta não é apontar o dedo para os outros e dizer “isso está certo, e isso errado”. Queremos despertar a sensibilidade das pessoas, isso é mais efetivo do que jogar tanta informação sobre elas.

— Não é um problema apenas local, o mundo todo enfrenta isso, tudo está conectado. Para alimentar o gado na Suíça, por exemplo, importamos muita soja do Brasil, e as pessoas não têm consciência disso quando consomem a carne ou outros produtos. Até nossas tradicionais salsichas utilizam tripas bovinas importadas do Brasil, não as produzimos em número suficiente para a produção. Podemos dizer que parte delas vem daqui — complementa Jörg.

Título: Vem aí o primeiro Prêmio Parque Lage

Veículo: O Globo - Blogs

Página: Online

Data: 06/02/2019

Page Views: 7.884.461

Centimetragem: 2.89

Valor: R\$ 5.054,60

Unique Visitors: 2.425.988

[Vem aí o primeiro Prêmio Parque Lage](#)
O Globo - Blogs - Marina Caruso - 06/02/2019

Diretor da **EAV**, Fabio Szwarcwald anuncia, dia 13, a 1ª edição do Prêmio **Parque Lage**, em parceria com a organização nova-iorquina AnnexB. Alunos formados no último biênio podem concorrer ao prêmio, que terá júri formado por representantes das instituições. O contemplado terá direito à residência artística de dois meses, com as despesas pagas, em NY.

LEIA MAIS: Diretor do **Parque Lage** será mantido no governo Witzel



(Foto:)

Título: Parque Lage ganha loja de museu, com peças de arte, design e moda

Veículo: O Globo

Página: Online

Colunista: Lívia Breves

Data: 17/04/2019

Page Views: 7.884.460

Centimetragem: 16.60

Valor: R\$ 29.063,95

Unique Visitors: 2.425.988

[Parque Lage ganha loja de museu, com peças de arte, design e moda](#)
O Globo - Ela - 17/04/2019

A curadoria é do estilista baiano Guto Carvalhoneto, que desenhará uma coleção de roupa exclusiva para a **EAV**

Um enorme casulo todo coberto por fios de fibra de sisal pendurado em uma estrutura de aço ocupa uma das salas do primeiro salão do palacete do **Parque Lage** e confunde os turistas, que pensam que a peça faz parte de alguma exposição. A instalação é, na verdade, o provador da primeira loja conceito da **Escola de Artes Visuais**, que vai juntar moda, design e arte em uma seleção com curadoria do estilista e professor de lá Guto Carvalhoneto. Na Pa.Ge (uma abreviação de **Parque Lage**), vai ter um pouco de tudo: esculturas de Rodrigo Calixto; joias de Virgílio Bahde; luminárias de Eurico Humano; peças de décor feitas com sementes de Mônica Carvalho; acessórios indígenas da Tucum; acessórios de Bruna Pegurier; móveis de Brunno Jahara e Ana Voss; além de roupas exclusivas do próprio Guto, que serão lançadas em junho.

— Fiz uma curadoria bem delicada, que mostra um recorte de coisas que o Brasil tem de muito bom e que precisam ser conhecidas. A minha coleção vai ser toda de tecidos naturais, pensada no conforto e nas cores que mais gosto: branco, preto, cinza e bege — conta o baiano Guto, que deu o curso “Anti-moda” na **escola**.

Livros de arte e itens de papelaria também estão no rol de produtos. É uma seleção focada tanto no turista que passeia pela cidade, quanto no aluno que convive no espaço.

— Estamos dentro de uma **escola** de arte e isso precisa ser respeitado. Por isso, haverá blocos com gramaturas e dimensões especiais, lápis de desenho e outros itens que os alunos podem precisar no seu dia a dia — adianta Guto.

O diretor da **EAV**, Fabio Szwarcwald, conta que há muito desejava ter uma loja de museu para chamar de sua. Depois que percebeu as boas vendas da lojinha improvisada para a exposição “**Queermuseu** — Cartografias da diferença na arte brasileira”, teve certeza de que precisava focar em uma para a **escola**.

— Escolhi o Guto para a curadoria por conta do seu gosto sofisticado, tanto para a moda, quanto para a arte. Ele tem um olhar do sertão (Guto nasceu no interior da Bahia), que combina muito com o que busco mostrar na **escola**. Não queria apenas produtos. Na seleção, há criações de pessoas que sabem a importância da simbiose entre a arte e a moda. Com as vendas, pretendemos gerar valores capazes de ajudar a financiar nossos programas públicos e também agregar valor sensorial, cultural e estético à **EAV**. Pretendo multiplicar a loja em outros lugares, divulgando o nome da **escola** nacional e internacionalmente — comenta Fabio.



Parque Lage Foto: Brenno Carvalho / Agência O Globo

Título: Antonia Leite Barbosa faz o 2º encontro das "Matildes" no Parque Lage. Veja fotos!

Veículo: Lu Lacerda

Centimetragem: 6.00

Página: Online

Data: 26/06/2019

Valor: R\$ 844,80

Page Views: 4.657

Unique Visitors: 1.941

Antonia Leite Barbosa faz o 2º encontro das "Matildes" no Parque Lage. Veja fotos!
Lu Lacerda - 26/06/2019

As "Matildes", coletivo de mulheres criado por Antonia Leite Barbosa, teve o segundo encontro nessa terça (25/06), no **Parque Lage**, com 100 mulheres e um homem; ele era Fabio Szwarcwald, diretor da **Escola de Artes Visuais do Parque Lage**. O encontro foi para discutir como atingir positivamente a sociedade através das artes, com ingressos a R\$150. Esse valor irá para o Parquinho Lage, núcleo **EAV**, que vai desenvolver atividades culturais para 75 crianças da rede pública no segundo semestre de 2019.

A noite começou com o discurso de Fabio, falando dos seus projetos, seguido por Marta Fadel, advogada e colecionadora, sobre como foi crescer numa família que valoriza a arte. Depois Brenda Valansi, da Art Rio, falou sobre estar à frente da maior feira de arte da cidade. Por fim, as "matildes" fecharam a noite com uma visita guiada pelo curador Ulisses Carrilho à exposição "Arte Naif — Nenhum Museu a Menos", que fica em cartaz até o dia 7 de julho.

Título: Antônia Leite Barbosa leva o grupo "Matildes" para conhecerem tudo sobre a EAV Parque Lage

Veículo: Zé Ronaldo

Centimetragem: 112.12

Página: Online

Data: 26/06/2019

Valor: R\$ 15.786,08

Page Views: 4.727

Unique Visitors: 4.018

Colunista: Ze Ronaldo

[Antônia Leite Barbosa leva o grupo "Matildes" para conhecerem tudo sobre a EAV Parque Lage](#)
Ze Ronaldo - 26/06/2019

O segundo encontro do coletivo Matildes, capitaneado por Antônia Leite Barbosa, reuniu 100 mulheres no **Parque Lage** para uma noite especial. O grupo se reuniu para discutir como impactar positivamente a sociedade por meio das artes. Toda a receita da bilheteria será destinada ao Parquinho Lage, núcleo da **Escola de Artes Visuais do Parque Lage** apenas para crianças. O objetivo dessa arrecadação é desenvolver atividades culturais e artísticas para 75 crianças da rede pública de ensino, no segundo semestre de 2019.

A noite de ontem (25/06) começou com o diretor da **EAV Parque Lage**, Fabio Szwarcwald, apresentando os projetos públicos que a **EAV Parque Lage** oferece atualmente e falando do desafio de gerir o espaço. Em seguida, Marta Fadel, advogada e colecionadora cuja família reúne um dos mais preciosos acervos de arte brasileira, deu um depoimento pessoal cercado de fotos e textos sobre como foi crescer nesse meio e o valor que as artes tiveram para sua formação.

Por fim, Brenda Valansi, idealizadora da Art Rio, falou sobre seus desafios à frente da maior feira de arte da cidade e sobre a importância de fomentar esse mercado. Ao final do evento as "Matildes" fecharam a noite com uma visita guiada pelo curador Ulisses Carrilho à exposição Arte Naïf - Nenhum Museu a Menos, que fica em cartaz no **Parque Lage** até o dia 7 de julho.

Fotos Cristina Lacerda

Ale Carneiro e Helena Duncan

Antonia Leite Barbosa e Beatriz Milhazes

Blenda Valansi e Juliana Saboya

Blenda Valansi e Vanessa Borges

Brenda Valansi, Antonia Leite Barbosa, Fabio Szwarcwald e Marta Fadel

Tatiana Zukerman e Fabio Szwarcwald

Vanessa Borges, Patricia Figueiredo, Antonia Leite Barbosa e Flavia Borges



(Foto:)

Título: A perplexa

Veículo: Centro de Artes UFF

Página: Online

Data: 29/01/2019

Page Views: 3.977

Unique Visitors: 1.281

Colunista: Administrador Geral

[A perplexa](#)

Centro de Artes UFF - 29/01/2019

A exposição reúne artistas que passaram pelos cursos de videoarte da **EAV/Parque Lage** em 2018, oferecidos pela professora Analu Cunha, que assina a curadoria.

Cada um dos artistas apresentará uma videoinstalação em diferentes suportes: projetores, monitores, televisores de tubo, tablets etc. As obras exibidas de Alexandre Brasil, Ana Alvarenga, Carlos Fernando Macedo, Cecilia Sarquis, Charlotte Sarian, Gabriel Fampa, Gabriel Massan, Gilda Lima, IMT (Ísis Mendes Távora), Joel Benon, Luis Moquenco e Martha Niklaus são aquelas que trazem surpresas, indagações e enigmas ao espectador.

A perplexa apresenta a própria condição da imagem contemporânea em suas mais variadas formas. Com quais imagens podemos responder àquelas que, diariamente, nos assediam? Longe de oferecer respostas, a mostra traz diferentes interrogações. Com os artistas de A perplexa, essa interlocução não se dará com imagens standard, oficiais, publicitárias, mas por meio daquelas que se invadem, se implicam e se perdem.

Galeria de Arte UFF Leuna Guimarães dos dos Santos

06 de fevereiro a 24 de março de 2019

Segunda a Sexta, das 10h às 22h

Sábados e Domingos das 13h às 22h

Entrada Franca

Título: Ivan Grilo lança livro no Parque Lage Terça-feira 16 Abril 2019 / Eventos

Veículo: Deloox

Página: Online

Data: 16/04/2019

Page Views: 8.208

Centimetragem: 2.47

Valor: R\$ 239,25

Unique Visitors: 3.762

[Ivan Grilo lança livro no Parque Lage Terça-feira 16 Abril 2019 / Eventos](#)
DELOOX - 16/04/2019

O artista Ivan Grilo lançou o livro "Não me lembro bem" na **Escola de Artes Visuais do Parque Lage**. Foram produzidos apenas 150 exemplares, numerados e assinados, com design de Maria do Lago. O livro foi lançado anteriormente em São Paulo, durante a SP-Arte.

Veja nas fotos de Camila Uchôa.



(Foto:)



(Foto:)



(Foto:)



(Foto:)



(Foto:)